PELO JEITO que minha mãe reagiu — “Uau, ainda fazem isso hoje em dia?” — talvez não fosse comum uma escola primária abrir a piscina durante o verão. Mas essa era a única coisa pela qual eu realmente esperava nas férias: um mergulho divertido e refrescante na piscina. Além disso, todos os meus amigos estariam lá. Literalmente não havia nenhum motivo para não ir.

Com o maiô já por baixo da roupa normal, peguei minha bolsa e corri até a porta da frente. O impulso me fez quicar feito um coelhinho. “Vamoooos!”

“Coloca o sapato primeiro.”

“Ops, fui rápido demais!”

Voltei correndo e peguei meus sapatos na parte de baixo do sapateiro. Só percebi que tinha esquecido de pôr as meias depois que já estava com eles calçados, mas tudo bem! Enquanto mexia as mãos sem parar, notei como meus sapatos já estavam quentinhos por dentro.

Quando minha mãe veio até a porta para se despedir, ela estava com minha irmãzinha no colo. Hoje em dia ela tinha virado uma tagarela, o que tornava brincar com ela muito mais divertido.

“Cuidado com os carros e com estranhos.”

“Tá, tá.”

“Tenta lembrar disso por pelo menos cinco minutos, mocinha.” Ela apertou minhas bochechas com uma mão só. “Infelizmente, você puxou a mim, o que quer dizer que é meio lerda.”

“Ei!” Essa foi uma revelação chocante. “Eu já suspeitava!”

“Essa é minha garota.”

“Então, esse ano, meu objetivo é ser um pouco esperta!”

“Boa sorte com isso.”

Agora que já tinha me despedido da minha mãe, me virei para minha irmã. “Baixinha, sua irmã vai partir pra ficar saudável!”

“Ah, dá um tempo. Você já é saudável até demais,” retrucou minha mãe. Dessa vez ela esticou minhas bochechas, e quando minha irmã viu, começou a imitar. Agora meu rosto era um brinquedo novo apra todo mundo! Que legal! Que ótimo! Sempre bom ter coisas divertidas por perto.

“Será que a Taru-chan vai estar lá…”

“Talvez,” respondeu minha mãe, totalmente desinteressada. Eu e minha irmã rimos ao mesmo tempo.

Diferente de mim, a Taru-chan nem sempre aparecia na piscina todos os dias. Ela dizia que às vezes tinha coisas para fazer em casa. *Crescem tão rápido...*

“Ah, vira aqui rapidinho.” Mamãe segurou meu ombro e me virou de costas.

“Você vai me matar enquanto eu durmo?”

“Olhos bem abertos, mocinha.” Ela começou a mexer no meu cabelo com uma mão só, enquanto segurava minha irmã com a outra, juntando e amarrando o cabelo para longe das orelhas. Depois deu um tapinha no rabo de cavalo com um dedo. “Pronto, tá feito. Nada melhor que um rabo de cavalo num dia quente.”

“Hmmm…” Tensionei os músculos das orelhas recém-expostas e as fiz se mexer.

“Você consegue fazer isso também, é?”

“Ho ho ho!”

“Você é uma miniatura minha, até nos detalhes mais bobos, né? Vai lá agora.”

“Volto mais tarde!”

Acenei me despedindo, me virei e cruzei a porta rumo ao mundo da luz. Uma onda de calor me envolveu até os ombros, como se eu tivesse entrado num rio — só que sem o som da água. O verão sempre começava com tudo, sem aviso. Conforme eu andava mais fundo naquela luz ofuscante, sentia como se o próprio sol estivesse passando os dedos por cima de mim.

No caminho até a escola, avistei meus amigos, e todos fomos nos juntando num grupo que crescia cada vez mais. Com as vozes deles atrás de mim, liderei alegremente o avanço pelos portões verdes da escola, até a entrada principal.

Uma vez tentei escalar aquela cerca, mas um professor me pegou e me deu uma bronca daquelas. Depois, quando contei para a mamãe, ela gritou: “Sua cabeçuda!” e fingiu me dar um tapa na cara. Ainda bateu palmas para fazer o barulho do tapa. No dia seguinte, ela veio toda feliz me contar que tinha acabado de escalar a cerca e “foi fácil”. *Aí não vale!*

As estátuas de bronze na frente estavam descascando, revelando o verde por baixo. Acenei para elas ao passar e atravessei a passarela coberta até que o campo de esportes entrou no meu campo de visão. Em um dos cantos, plantas se enrolavam em hastes de ferro, formando uma área coberta; era ali que as crianças que chegavam mais cedo ficavam sentadas, esperando. À primeira vista parecia um lugar fresco e com sombra, mas com frequência caíam lagartas do teto em quem sentava ali, então muita gente evitava. Taru-chan era uma dessas pessoas.

Entreguei meu cartão de presença da piscina para a professora e ganhei meu carimbo. Até agora, não tinha faltado nem um dia. Eu não sabia se ganharia algum prêmio por completar o cartão inteiro, mas era gostoso olhar pra ele e ver todos os quadradinhos carimbados.

Os horários da piscina eram divididos por série; naquele dia, eu estava ali bem cedinho. Enquanto jogava jogo-da-velha na areia com meus amigos, chegou a hora do aquecimento — algo que sempre tínhamos que fazer antes da piscina abrir. Eram os mesmos exercícios de ginástica da rádio que os adultos faziam de manhã no parque. Algumas crianças faziam certinho, outras nem tentavam.

Eu, pessoalmente, era do time das que faziam certinho. Surpresa, né?! É que eu não queria transformar algo divertido em algo chato. Era difícil transformar algo chato em divertido, então, se algo já começava legal, eu queria manter assim. Quando expliquei isso para minha mãe, ela respondeu: “Difícil pra você, talvez.” *Não é justo!*

Enquanto me aquecia, avistei a Taru-chan lá no fundo e fiquei animada. *Ela veio hoje!* Eu tinha muitos amigos, mas ela era a minha melhor amiga de todas: Tarumi, também conhecida como Taru-chan. *Espera… qual era mesmo o nome verdadeiro dela…?* Bom, a gente nunca se chamava pelo primeiro nome, então talvez por isso eu tenha esquecido.

Depois do aquecimento, meu rosto e minhas costas estavam encharcados de suor, como se eu tivesse atravessado uma tempestade. Soltei o ar fazendo um som com os lábios e quase esperei ver vapor saindo de mim. Mas, quando os portões da piscina se abriram, em vez de correr para dentro com todo mundo, fui na direção contrária.

“Opa!”

“Ah, oi, Shima-chan.”

Me juntei à minha melhor amiga lá no final da fila. Hoje ela estava usando uma camiseta amarela com uma calça azul — por que aquilo parecia tão familiar? Olhei para ela de cima a baixo, distraída, até que percebi: *Nobita-kun do*

Doraemon! Agora fiquei com vontade de ver como ela ficaria de óculos. Mas, quanto mais eu apertava os olhos para imaginar, mais ela começava a se mexer, desconfortável por algum motivo.

Nós duas chegamos ao vestiário com um atraso charmoso. O lugar era mal iluminado, pintado com cores apagadas, tipo pedra, e cheirava forte a piscina condensada. E como estava cheio de crianças, também era super úmido. *Super quente!* Eu não sabia como era ser uma sardinha, mas suspeitava que devia ser parecido com aquilo.

“Seu cabelo tá fofo hoje, Shima-chan.”

“Sério? Hee hee hee. Tá mesmo, né?” Balancei o rabo de cavalo de um lado para o outro — com tanta força que fiquei tonta. “Foi minha mãe que fez.”

“Que legal.”

Dava até pena ter que desmanchar, mas não dava para entrar na piscina de rabo de cavalo, então tirei o elástico.

“Agora você é a Shima-chan normal de novo,” disse Taru-chan, sorrindo ao me ver com o cabelo solto, enquanto tirava a camiseta. A gente sempre fazia questão de pegar armários um do lado do outro.

“Posso até parecer normal, mas hoje eu sou de um sabor diferente!”

“Ah é? Que sabor?”

“Hummm… sabor selva!”

Vi uns pontos de interrogação brotarem em cima da cabeça dela e comecei a me trocar, esbarrando de cotovelo nos outros. O vestiário era tão apertado que era normal trombar ombro com quem estivesse por perto. Mas eu já tinha vindo com o maiô por baixo da roupa, o que facilitava bastante.

Andando sobre as tábuas de madeira na saída, deixei o vestiário abafado para trás e esperei a Taru-chan do lado de fora. Enquanto isso, o chão de concreto já começava a queimar meus pés, então pulei para dentro de uma poça de água fria que vinha da área dos chuveiros. Fiquei batendo os pés, curtindo o barulho divertido dos respingos.

O sol pairava lá em cima como um tributo ao céu, e enquanto eu olhava para ele, por alguma razão, dava para sentir meu espírito se elevando. Por baixo da dor causada pela luz solar grudada na minha pele, meu coração disparava. Assenti com firmeza para mim mesma, e algo quente desceu da minha garganta até o fundo da barriga — um calor suave, que aceitava o verão, mas sem se deixar afetar por ele.

Assim que a Taru-chan saiu, tomamos uma ducha uma ao lado da outra, esterilizamos os pés e subimos as escadas, seguindo as pegadas molhadas até a beira da piscina. As outras crianças já estavam enfileiradas, então nos juntamos ao final da fila.

A parte rasa ficava à esquerda, e a funda, à direita. Só os alunos mais velhos podiam entrar na parte funda. Uma vez, eu fui sorrateiramente até a linha

divisória e estiquei o pé para o lado fundo, mas não consegui sentir o chão. Legal, né? Ia ter que crescer mais antes de poder nadar ali. A Taru-chan já estava ficando alta, e, no fundo, eu queria alcançar ela.

Lá pelo momento em que o suor nas minhas costas já tinha secado e virado floquinhos, a professora começou a direcionar a fila para dentro da piscina. Primeiro, seríamos designadas a uma raia para praticar estilos de nado específicos, mas só podíamos nadar em linha reta, de uma ponta à outra — não tinha muita graça. Ainda assim, quando chegou minha vez, entrei na água até os ombros.

“Aaeegh…”

Um chiado esquisito escapou da minha boca. Na hora, senti um alívio do calor e da gravidade, como se a água fosse ligada a outro mundo. Meus braços e pernas se mexiam como tentáculos de água-viva, e fiquei tentada a só flutuar ali — mas aí a criança ao lado começou a nadar, então resolvi acompanhar antes que a professora brigasse comigo. Me esforcei para nadar certinho, esticando o braço.

No começo, todo mundo se comportava direitinho, mas a melhor parte do dia vinha no final: o momento da natação livre. Como massa de panqueca numa chapa quente, todo mundo se reunia no centro da piscina e começava a se espirrar. Para não ficar pra trás, pulei na frente da Taru-chan e comecei a nadar com tudo.

Quando achei o que considerei o “lugar perfeito”, parei, deixando as pernas balançarem enquanto eu boiava. *Pode vir! Hyah!* Aí comecei a rebater os ataques previsíveis de todos os lados. (Ou pelo menos tentei!) Borbulhando feito louca pela boca, nadei para todo lado, fiquei tão sem ar que minhas extremidades ficaram dormentes, e voltei à superfície às pressas. A água escorria pelo meu rosto, fazendo cócegas, e enquanto eu enxugava, Taru-chan me alcançou.

“Hi-yah!” Ela me cutucou nas costas, e depois de trocarmos uns golpes de caratê super irados, ela parou e inclinou a cabeça. “Por que você começou a se afogar do nada?”

“Eu tava fingindo que fui atacada por uma piranha.”

“O que é uma piranha?”

“Um peixe muito assustador,” respondi, ansiosa para contar tudo que tinha aprendido ontem vendo TV. Aqueles dentes eram coisa séria. “A cara dele parece a de um monstro.”

“Uma piranha… Não dá pra fingir ser uma se eu nunca vi uma antes!”

“Assim, ó!” Curvei os dedos indicadores nos lábios, usando as unhas como “presas” que depois finquei no braço dela.

“Hmmm…” Ela não pareceu muito convencida. “Tipo um crocodilo?”

“Não, uma piranha!” Dei uma mordida no braço direito dela inteirinho. *Nhac nhac nhac.*

“Onde elas moram?”

“Na selva.” Não lembrava o nome do lugar, mas era com certeza no meio de uma floresta.

“Você vai pra selva?”

“Talvez.”

Era impossível prever o que eu estaria fazendo dali a um ano — mas eu tinha o poder de decidir por mim mesma. Pelo menos foi o que minha mãe disse. Não faço ideia do que isso significa!

“Lutar contra uma piranha na selva parece bem mais provável do que encontrar um alienígena, né, Taru-chan?” Eu tinha ouvido que não tinha oxigênio no espaço, então devia ser meio como estar debaixo d’água. Podia ser divertido.

“Ééé… Acho que você tem razão!”

“Claro que tenho. Sendo assim, eu batalho com piranhas todos os dias!”

“Uau, você já começou a lutar com elas…” Ela estava claramente impressionada com o quanto eu era uma desbravadora. Aí pareceu ter uma ideia, porque o rosto dela se iluminou. “Se a gente for pra selva juntas, então acho que vou deixar as piranhas por sua conta.”

“Com certeza! É hora da Shima!” E aí eu pegaria as piranhas e comeria como se fosse uma nativa. *Espera, melhor eu pesquisar como se cozinha piranha.* “Você cuida dos crocodilos, tá?”

“H-hein?!”

“Estou contando com você!” Afinal, não tinha como eu vencer um.

“Eu, lutando contra um crocodilo...?”

“Batalha de jacaré!”

“Jacarés são de outra espécie, cabeçuda.”

“…Jacaré…”

Agora eu queria afundar até os olhos na água, igual o réptil em questão. Borbulhando pela boca, tentei lembrar o apelido dos crocodilos. “Dilos”…? Fiquei circulando na água um tempo para entrar no personagem, e depois nadei de volta para a Taru-chan.

“Bem-vinda de volta, Shima-chan.”

“Meu rosto tá gelado agora.”

Com isso, recuperei a coragem para ficar firme de novo. Ela sorriu radiante, com os olhos brilhando ao ver minha recuperação. “Espero mesmo que a gente possa ir pra selva juntas.”

“O quê? Você realmente quer?”

Na selva, os perigos eram tantos quanto as árvores. Talvez a Taru-chan fosse mais do tipo Indiana Jones do que eu imaginava. Vai ver ela curtia se aventurar.

Ela recuou um pouco, olhando ao redor da piscina, como se tivesse medo de uma piranha invisível. As outras crianças sorriam docemente, brincando na água e balançando com as ondas.

“Eu iria se fosse com você.”

Ouvi o som de alguém chutando a água, e um instante depois, senti o vento passar rápido.

Taru-chan era — e sempre seria — minha melhor amiga. Não conseguia imaginar ir a qualquer lugar sem ela do meu lado. Talvez eu não conseguisse prever o que estaria fazendo daqui a um ano, mas ao menos tinha uma visão disso. Eu sentia o mesmo que ela: eu iria se fosse com você. E então berrei como um grito de guerra:

“JACARÉ!!!”

“Já te falei, não é a mesma coisa!”

Com o impulso me empurrando para frente, devo ter mordido o braço dela umas quatro ou cinco vezes.

“Isso é estranho.”

“O quê?”

Enquanto nos vestíamos no canto do vestiário depois do horário da piscina ter acabado, Taru-chan de repente começou a farejar bem alto na minha direção. “A gente tava na mesma piscina, mas você é a única que cheira a cloro.”

“O que é cloro?”

“Aquilo que colocam na água da piscina.”

“Então é esse o ingrediente secreto...” Eu estava me perguntando por que a água tinha um gosto esquisito!

Depois que sequei o cabelo com a toalha, olhei para o elástico de cabelo. Minha mãe foi quem prendeu meu cabelo quando saí de casa, então o que eu ia fazer agora?

“Hmmm...”

Girei o elástico no dedo indicador enquanto hesitava. Então decidi: ia tentar sozinha. Juntei meu cabelo molhado como se estivesse torcendo e tentei colocar o elástico. Provavelmente conseguiria um rabo de cavalo baixo, mas, por algum motivo, fazer igual antes, com o cabelo preso lá no alto, parecia impossível! Frustrada com o fracasso, puxei forte meu cabelo e ouvi um grito de dor — da minha própria boca, é claro.

“Quer que eu faça pra você, Shima-chan?” Taru-chan se ofereceu. Pelo jeito, ela estava me observando enquanto se trocava.

“Você sabe fazer?”

“Claro que sei.”

“Então é hora da Taru!”

“O que isso quer dizer...?”

Entreguei o elástico e me virei. “Não me mata enquanto eu durmo, tá?”

“Você consegue dormir em pé?”

“Acho que até conseguiria se me esforçasse bastante.”

Especialmente depois de tanto nadar. Enquanto eu ficava ali, observava uma bolha de sono cheia de meleca inflar e estourar, repetidas vezes. Enquanto isso, Taru-chan terminou de prender meu cabelo. Fui até a parede mais longe do vestiário para ver se o elástico segurava, depois voltei para ela e mexi minhas orelhas recém-expostas.

“Minha cabeça tá muito mais leve! Legal!”

“É, hum... você tá fofa, Shima-chan.”

“Nyeh heh heh heh!” O elogio quase fez minhas bochechas saírem da órbita. Era como se cada palavra fosse uma asa de cigarra batendo na minha cara.

“Espera, tá torto. Deixa eu ajeitar.”

“Não, não! Eu gosto do jeito que você fez!” Fugindo das mãos dela que tentavam alcançar, gritei e comecei a correr, e por algum motivo, ela riu de mim. “Ei, do que você tá rindo?!”

“Ah, você corre esquisito!”

“Repete isso, pirralha?!”

Olhei para mim mesma, com os braços esticados na frente. Será que era tão esquisito assim? *Tanto faz.* Virei as palmas das mãos para cima, dando de ombros.

“Taru-chan... o que vale é a intenção, sabe?” Eu podia ouvir a água da piscina espirrando lá fora. “E aposto que você pensou bastante nisso aqui.”

Segurei a ponta do meu rabo de cavalo molhado, encharcado como um pincel de caligrafia mergulhado em tinta. Quando apertei, a água subiu até me encontrar. *Os pensamentos dela certamente eram frios.*

Enquanto ela ficava ali, meio vestida de maiô, meio de roupa de rua, olhando para o chão e torcendo as mãos, começou a balançar a cabeça para si mesma. “Bastante... é! Pensei bastante!”

“Então isso é o que mais importa, minha querida. Ho ho ho!”

Caso encerrado. Ela assentiu animada. E quando terminou de se vestir, saímos juntas do vestiário.

Meu corpo balançava como se ainda estivesse na piscina. Quando eu chegasse em casa, ia almoçar, e depois ficaria meio zonza — tanto mentalmente quanto fisicamente. Não era exatamente uma sensação divertida, mas se eu tivesse que descrever como era a sensação de felicidade, era o mais próximo disso.

“Ei, posso ir na sua casa mais tarde?” Taru-chan perguntou, olhando para minha cara enquanto balançava a bolsa de piscina na frente dos pés, como se estivesse chutando ela.

“Por que não vem agora mesmo? É, esse é o tipo de sugestão que uma pessoa inteligente faria!”

“Mas eu ainda não almocei...”

“Ah, é mesmo. Então vamos almoçar primeiro, e depois você pode vir.” Eu até queria tirar uma soneca depois do almoço, mas... *Ah, já sei! A gente pode tirar a soneca juntas! Mais um passo rumo ao lado inteligente.*

“Você acha que sua irmã ainda lembra de mim?”

“Não sei. Ela quase nem lembra de mim.”

“Uau. Como alguém pode esquecer de você?” Depois de uma pausa, ela acrescentou rápido, “Em todos os sentidos”

Para mim, quem consegue identificar todos esses sentidos com certeza está do lado inteligente.

“Então, até logo, Shima-chan!”

“Até mais!”

Na bifurcação que afastava a rua do canal profundo, eu e Taru-chan nos despedimos. Aí eu a vi começar a correr, e tive vontade de fazer o mesmo, mas lembrei de como minha mãe ficou brava da última vez, então decidi só andar rápido.

O interior dos meus sapatos estava úmido, como se estivesse vazando “suco Shima-chan” pela sola dos pés. A cada passo, quem ficava mais pesado era meu olhar, não minhas pernas. Claramente, eu tinha me cansado muito na piscina hoje. Mas não conseguia evitar — foi tão divertido!

Ainda assim, não podia deixar meu corpo dormir se a Taru-chan ia visitar. Tentei forçar os olhos a ficarem bem abertos, mas isso fazia meu rosto doer e parecer que ia explodir. A dor parecia ajudar a combater o sono, pelo menos. Abri a boca bem aberta para o céu e mordi algo invisível, esmagando entre os molares. Então aquilo começou a crescer dentro de mim.

Logo iríamos todos para a casa do meu avô. Eu ia ver o Gon, e também a menina que morava ao lado. As férias de verão eram diversão pura.

“Se ao menos durasse pra sempre...”

No começo das férias, sempre parecia que elas nunca iam acabar — e de repente eu me dava conta de que o tempo estava acabando. Os dias se confundiam, mas o tempo seguia em frente — e eu também.

Eu já tinha chegado no ensino fundamental I, e em mais alguns passos estaria no fundamental II. Depois, finalmente, no ensino médio. Provavelmente era algo bom. Então por que eu não queria que as férias de verão terminassem? Claramente, eu estava num clima filosófico.

Se vai acabar, então, por favor, me dê só mais um dia, eu desejei para mim mesma, como qualquer criança da escola primária, enquanto caminhava sob o sol de verão. Com arrozais à minha esquerda e pomar de caquis à direita, o cheiro da terra seca ficava mais intenso. Mas, justo naquele momento, avistei outra menina caminhando na minha direção.

A pele dela era tão pálida que parecia que ela ia se derreter no céu atrás dela. À primeira vista, parecia mais alta que eu, mas estava curvada. O cabelo escuro brilhava em azul ao sol, e enquanto ela passava, pude ver olhos estreitos e lábios apertados numa expressão de sofrimento. Diferente de mim, ela não cheirava a cloro — pelo contrário, parecia que nunca tinha ido à piscina na vida. Uma menina como ela provavelmente nunca desejou que as férias de verão durassem mais.

Suponho que foi essa novidade que me atraiu.

“Vamos encontrar a diversão!”

Eu disse isso para mim mesma, sem intenção de ser ouvida. Então, quando ela se virou de repente, eu me assustei. Ela me olhou assustada, do jeito que qualquer um reagiria ao ser abordado por um estranho. Depois, endireitou a postura, e quando o sol iluminou seu rosto, imaginei que ela fosse talvez um ano mais velha que eu.

Acenei em saudação, e quando ela se virou e saiu correndo pela rua, acenei em despedida também.

“Bom.”

Pode parecer bobo para você, mas eu escolhi dar risada. Eu levo a sério quando digo que vou achar a parte divertida. E um dia, a diversão vai te encontrar — seja você quem for!

Ha ha ha ha ha!!!